

Integração existencial na poesia

Costa Matos

Uma revitalização da fé na poesia está na releitura de livros de Artur Eduardo Benevides. Agora, escolho *A Rosa do Tempo ou o Intérmino Partir*. Este livro prolonga algumas linhas temáticas de *A Arquitetura da Névoa*, editado em 1979, notadamente a preocupação do poeta com a contingência humana das despedidas:

“... devo escrever adeus. Estou continuamente a escrever adeus”.

Mas o livro desta releitura é mais poliédrico, na manifestação do testemunho existencial do autor. Faz uma abordagem lírica do que é essencial no “fenômeno humano” e, assim, estuda o poeta, o amor, a noite, a morte, o mar, a tarde, o tempo, faz a exaltação de admirações literárias, e aqui com um luxo de percepções raramente encontrável nas cantigas de bendizer. A riqueza de aspectos desses poemas é quase um delírio de mil-e-uma-noites.

A maturidade cultural de Artur Eduardo Benevides o qualificou para uma poesia conceitual, freqüentemente definidora, metalingüística, mas sem o pedantismo doutoral de alguns pretensos condutores literários. Por isso, *A Rosa do Tempo* é um livro de beleza com sabedoria. Aqui não há o poeta simples arrumador de palavras, presente pobre de uma literatura que se extravia na indigência de idéias... e até de vocabulário.

Valendo-se da condição de latifundiário do léxico português (e reativa mesmo alguns arcaísmos, como “perduda”, “sofrença”, “temente”), o autor empreende a tarefa proustiana de recompor o passado, com a consciência clara de que, se as auto-explicações humanas são falhas, muito mais o serão sem essa iluminação dos fatos de hoje pelas vivências de ontem.

No interesse dessa intenção restauradora, há poemas que são um desfile vertiginoso de quadros já vividos. Nomes, justapostos, desacompanhados de verbos, por economia de espaço do poema,

paisagens do tempo, filmadas num vôo rasante da memória. E o leitor é compelido a lembrar-se de Funes, o Memorioso, o fantástico personagem de Jorge Luís Borges que nada sabia esquecer e, assim, a todo instante, tinha diante dos olhos a plenitude dos desdobramentos do passado. O que não pode o verbo dos poetas?

As emoções de *A Rosa do Tempo* se torturam nas antíteses, no aparente esforço de evidenciar que a vida se equilibra nos contrastes. São freqüentes as confrontações dialéticas de idéias e experiências:

“Difícil/ fácil é amar”

“Não vais findar jamais e és sempre véspera”

“Contudo, ainda cedo, tudo é tarde demais”

“Vi que as vitórias que fui conquistando foram momentos em que fracassei”

“Uma tristeza em festa ...”

Até o poeta se reconhece contraditório, quando belamente se confessa dividido entre o que é e o que volta a ser, dentro da magia dos ocasos:

“A tarde ...

me põe de regresso a mim”.

Na louvação a Camões, há um verso posseiro da memória do leitor.

“Precisavas do dia. E amanheceste”.

Não vai aí apenas mais uma faiscação de beleza. Lê-se isto e a imaginação dá uma volta ao mundo para encontrar os grandes místicos orientais, tão ousados em afirmar que possuímos administração sobre a fábrica dos acontecimentos. Numa época em que cinco bilhões de seres humanos tremem de medo diante das incertezas do futuro, essas palavras carregam a mesma afoiteza ontológica do salmista bíblico: “Eu disse: sois deuses e todos vós sois filhos do Altíssimo”.

Com uma facilidade verdadeiramente cosmopolita, Artur Eduardo Benevides passeia por todas as formas literárias, sem pre-

conceitos limitadores do labor poético. É uma espécie de Brasil, aberto a todas as raças do verso. Com isso, dá uma lição de coragem, liberdade e tolerância. Quem pode mais condenar alguma coisa neste mundo, desperto agora para a vocação dos pluralismos, contra todo o poderio massificador da televisão?

Então, por que bordar uma bandeira exclusivista para o mais tolo dos fanatismos – aquele que teima em submeter a criação poética aos rituais de teorias literárias natimortas?

Quando há verdadeira poesia, o poema já vem sabendo a roupa que deseja usar. O equilíbrio entre conteúdo e forma não deve sacrificar a liberdade. “O yo sé poco del arte”, como quase admitia Dom Quixote...